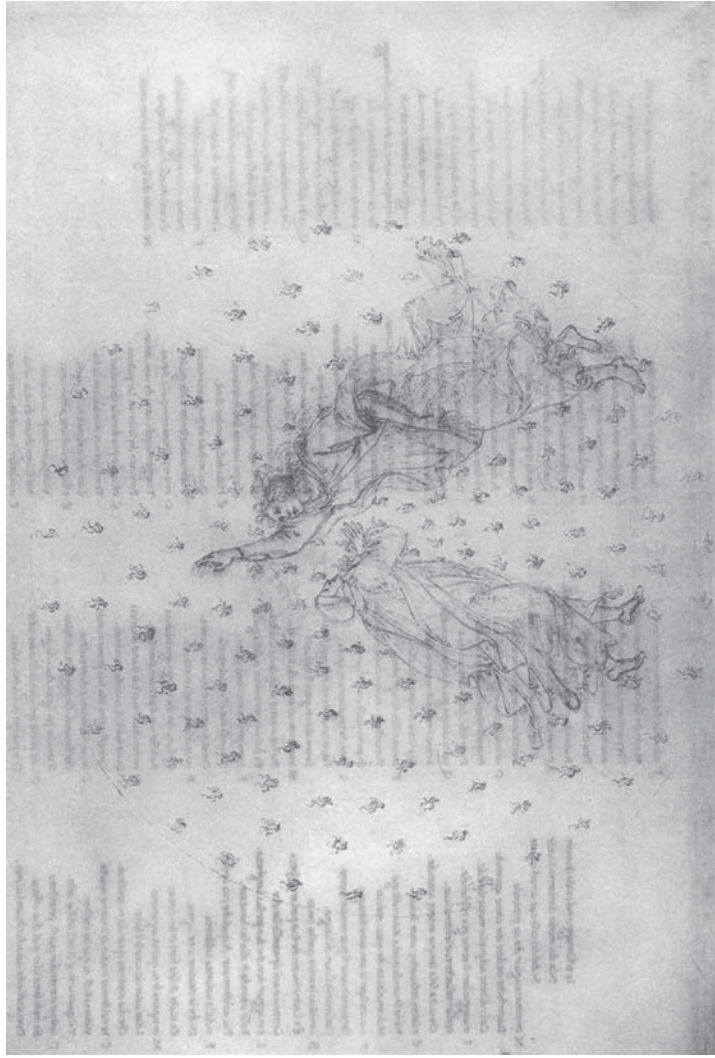


SYLVAIN REYNARD

# O PRÍNCIPE





Paradiso, Canto VI por Sandro Botticelli



## P r ó l o g o

*Junho de 1870*  
*Florença, Itália*

Uma figura solitária escondia-se nas sombras junto à *villa* do Príncipe, que dominava a cidade de Florença. Das janelas da *villa* era possível apreciar uma vista deslumbrante do horizonte, mesmo de noite.

Não que a figura pudesse desfrutar da vista.

O Príncipe usava magia estranha para repelir os da sua espécie, ou assim parecia. Estando a meio quarteirão da *villa*, que se assemelhava mais a uma fortaleza, o indivíduo nas sombras sentia-se nauseado, desconfortável, e os seus músculos contorciam-se. Não admirava que o Príncipe governasse a cidade há tanto tempo. Ninguém conseguia passar os seus portões, muito menos desafiá-lo fisicamente.

Esta noite, porém, o Príncipe seria desafiado. E

ver-se-ia desapossado de alguns dos seus bens mais preciosos.

Ao longe, uma chave arranhou uma fechadura e um pesado portão de ferro abriu-se. A figura endireitou-se, os sentidos despertos.

Um homem de meia-idade com uma mala de pele na mão começou a caminhar ao seu encontro.

A figura deixou o santuário das sombras e avançou para o homem rápida e silenciosamente.

— Gianni? — chamou.

Gianni apressou o passo.

— Mestre — murmurou em italiano, curvando-se com deferência.

O Mestre pegou na mala e abriu-a. As suas mãos pálidas percorreram avidamente a pilha de ilustrações de valor inestimável, contando-as em voz baixa.

Ergueu os olhos e fitou Gianni.

— Estão aqui todas?

— Sim, Mestre. Uma centena, no total. — Gianni tinha os olhos esbugalhados e não pestanejava, como se estivesse em transe.

(E era assim que estava, de facto.)

— Alguém te viu?

— Não, Mestre. Os criados estavam a dormir e o Príncipe não está em casa.

— Excelente. — Agarrou Gianni pelo ombro, forçando o contacto visual. — Vais regressar para a *villa* e

retirar-te para o teu quarto. Dentro de uma hora acordarás e não te recordarás de nada do que se passou entre nós.

— Sim, Mestre.

— Vai. Certifica-te de que não és visto por ninguém.

Após mais uma vénia, Gianni regressou para a fortaleza.

O Mestre viu-o fechar o portão e trancá-lo, antes de entrar no imponente edifício por uma das portas laterais.

O Mestre murmurou uma maldição renascentista, cuspido no chão. O principado de Florença seria seu. Permanecera à margem durante anos, observando, aguardando o momento em que poderia apoderar-se da cidade.

*A minha cidade.*

Esta noite, a sua paciência fora recompensada. Mí-nara a confiança do Príncipe na segurança da sua fortaleza e roubara o seu bem mais precioso. Certamente que poderia esperar um pouco mais para desvendar os segredos do Príncipe, de modo a destruí-lo.

Os seus olhos pousaram numa das ilustrações — um desenho de Dante e Beatriz feito à pena — mesmo antes de fechar a mala e começar a correr. Num instante, saltou da Piazzale para a estrada lá em baixo e desapareceu na noite.



## Capítulo Um

*Agosto de 2011*

*Florença, Itália*

O Príncipe de Florença encontrava-se no primeiro andar da Galeria Uffizi e contemplava a hipótese de cometer homicídio.

Uma multidão da elite humana da cidade serpenteava em seu redor — homens de *smoking*, mulheres de vestido comprido — enquanto o arrogante e insuportável professor Gabriel Emerson enchia o edifício renascentista com a sua insipidez.

Não seria a primeira vez que o Príncipe matava. Era rigoroso na sua escolha de vítimas e só em raras ocasiões retirava prazer do ato. Esta seria uma dessas ocasiões.

Era extraordinariamente rápido e astucioso, combinando inteligência com a sua força sobrenatural. Não tinha dúvidas de que poderia alcançar o professor



americano e partir-lhe o pescoço sem que alguém se apercebesse do que quer que fosse.

O Príncipe imaginou-se a correr pela sala, a executar o professor e a fugir por uma janela antes que algum dos cem convidados parasse de bebericar o seu espumante.

Era fácil iludir os seres humanos. Provavelmente, atribuiriam a morte do professor a um derrame cerebral súbito, espontâneo, sem fazerem ideia do que realmente acontecera.

Perante esta ideia tentadora, o corpo do Príncipe retesou-se, os músculos dos seus antebraços contraindo-se sob as mangas do fato preto caro.

Uma morte rápida não estava de acordo com a magnitude do crime do professor, que incluía uma ofensa grave para além de danos pessoais. O Príncipe orgulhava-se do seu compromisso com a justiça (tal como a concebia), pelo que rejeitou a possibilidade de uma execução sumária.

O professor tinha de sofrer e isso significava que a sua linda esposa teria de sofrer também.

Ali estava ela, perto do marido, com um vestido vermelho, e a cor da sua roupa era como uma capa vermelha diante de um touro. Claro que a jovem captara a sua atenção.

O Príncipe fitou-a intensamente, assimilando cada aspeto da sua figura.

Talvez por se sentir observada, ela voltou-se na sua direção.

E apressou-se a desviar o olhar.

Julianne Emerson era mais jovem do que o marido, de pequena estatura e, na opinião do Príncipe, demasiado magra. Tinha, no entanto, uns olhos muito bonitos, grandes e escuros. O seu rosto lembrava-lhe figuras dos quadros renascentistas — pescoço elegante e traços delicados.

O Príncipe regozijou-se a admirar a mulher do professor, enquanto o idiota discorria monotonamente em italiano, explicando como ela o persuadira a partilhar as suas *cópias* das ilustrações de Botticelli. A ignorância dos comentários só agudizava a cólera do Príncipe.

As ilustrações eram *suas*, não do professor, e eram originais, feitas pela mão do próprio Sandro Botticelli.

Assim se via que o professor, para além de ladrão, era um filisteu que não reconhecia a diferença entre um original e uma cópia.

O Príncipe pôs-se a imaginar novos e elaborados métodos de tortura, combinados com uma introdução à História da arte, ignorando o elogio verboso do professor ao trabalho filantrópico da senhora Emerson junto de órfãos e sem-abrigo. Eram tantos os humanos que esperavam compensar os seus pecados com boas ações, para se salvarem.

O Príncipe conhecia bem a futilidade de tais esforços.

Os Emerson traficavam bens roubados. Tinham adquirido obras de arte que o Príncipe tentava recuperar havia mais de um século. Como se isso não bastasse, tinham tido o atrevimento de entrar na cidade do Príncipe, oferecer as ilustrações à Galeria Uffizi (afirmando que se tratavam de cópias) e dado todo aquele espetáculo. Era como se tivessem elaborado ao pormenor um plano para incitar a sua ira.

Agora, estavam condenados.

O Príncipe continuava a olhar na direção da senhora Emerson, os seus olhos cinzentos ausentes.

Foi então que algo lhe chamou a atenção. Sem motivo aparente, a jovem corou, olhando para o marido com amor e desejo.

Nesse instante, o Príncipe recordou-se de alguém — de uma mulher que olhara para ele com aquele rubor terno da juventude e com desejo no coração.

A memória antiga contorceu-se-lhe no peito, como uma serpente.

— O desafio que vos faço esta noite é que apreciem a beleza das ilustrações da *Divina Comédia* de Dante, e depois que os vossos corações vos inspirem a celebrar a beleza, a caridade e a compaixão na cidade que Dante amava, Florença. Obrigado. — O professor curvou-se

ao concluir o discurso. Dirigiu-se para junto da sua esposa e abraçou-a, ao som de um vigoroso aplauso.

O Príncipe não aplaudiu. Com uma expressão furiosa, praguejou a respeito de Dante.

Parecia isolado no seu desprezo, o único membro da elite florentina a não bater palmas. Claro que era a única pessoa naquela sala que tivera a oportunidade de conversar pessoalmente com Dante e de dizer ao poeta que o achava um completo imbecil.

Aquela era uma recordação desagradável para o Príncipe. Dante irritava-o hoje como no passado, e o mundo que criara na sua *magnum opus* era-lhe odioso.

(O Príncipe não considerava o seu amor às ilustrações de Botticelli incompatível com o seu ódio pela obra em que estas se inspiravam.)

Ajustou os botões de punho da sua elegante camisa preta, gravados com o símbolo de Florença. Seguiria os Emerson e, quando não houvesse testemunhas, atacaria. Precisava apenas de ser paciente.

A paciência era uma virtude que possuía em abundância.

Enquanto os convidados circulavam e os aperitivos eram servidos, o Príncipe manteve-se à parte, evitando conversas e recusando a comida e a bebida que lhe ofereciam.

Por norma, os seres humanos reagiam à sua presença com uma de duas atitudes. Ou se sentiam em pe-

rigo e se mantinham à distância, ou olhavam fixamente para ele, às vezes avançando na sua direção ainda antes de se aperceberem.

O Príncipe era atraente. Poder-se-ia até considerar belo, com o seu cabelo louro, os seus olhos cinzentos e a sua aparência jovem. Embora não tivesse mais de metro e oitenta de altura, o seu corpo era esbelto e musculoso sob o fato preto. Com o poder que detinha, a sua postura e os seus movimentos eram fortes e resolutos.

Era o predador, não a presa, pelo que não tinha muito a temer. Naquela sala, por exemplo, ser exposto era o seu único motivo de receio.

Fez um breve aceno de cabeça ao doutor Vitali, o diretor da galeria, mas esquivou-se a conversar com ele. Com efeito, a cólera do Príncipe era extensiva ao diretor, pois também ele traficara propriedade alheia.

O Príncipe de Florença não conservara o seu domínio sobre a cidade praticando atos de misericórdia. No seu principado, a justiça era servida com rapidez, abrangendo todos e quaisquer prevaricadores. Quando chegasse a sua vez, Vitali seria castigado.

O Príncipe aproximou-se das portas da sala da exposição, reparando que as paredes interiores tinham sido pintadas de um azul-vivo, para melhor acomodarem as ilustrações à pena da *Divina Comédia* de Dante.

Ficou aliviado ao ver que as suas obras de arte se encontravam dentro de vitrinas e, desse modo, protegidas.

Examinou a sala de parede a parede e do teto ao chão, avaliando todas as medidas de segurança. Executar os Emerson era apenas uma parte do seu plano. Teria também de recuperar os desenhos.

Observou o professor e a esposa, que agora se encontravam diante de um dos melhores exemplos do trabalho de Botticelli, uma imagem de Dante e Beatriz na esfera de Mercúrio. Beatriz usava um vestido esvoaçante e apontava para cima, o seu gesto seguido pelo olhar de Dante.

Num passo determinado, o Príncipe aproximou-se.

Os olhos da senhora Emerson pestanejaram ao encontro dos seus e, por um momento, o Príncipe entreteve a ideia de lhe controlar a mente.

Quando tinha a vitrina ao alcance do braço, os Emerson afastaram-se para lhe dar passagem.

Inexplicavelmente, o professor pôs-se à frente da esposa, ocultando-a da vista do Príncipe.

Os dois machos olharam-se fixamente.

O Príncipe teve de conter um sorriso. O professor não fazia ideia do poder do seu adversário. Nem da raiwa que o movia.

— Boa-noite. — O Príncipe dirigiu-se-lhes em inglês, curvando-se formalmente.

— ‘Noite — replicou Gabriel, os dedos deslizando pelo pulso de Julia, para lhe segurar na mão.

O Príncipe seguiu a mão de Gabriel e permitiu-se um pequeno sorriso.

— Uma noite inesquecível. — Apontou a sala com um gesto largo.

— Não diria melhor — disse Gabriel, apertando ligeiramente a mão de Julia.

— Foi muito generoso da sua parte partilhar as suas ilustrações. — O Príncipe falava com ironia. — Que sorte a sua ao adquiri-las em segredo e não no mercado geral.

Esperou pela reação do professor, inspirando sub-repticiamente com o objetivo de analisar os odores dos Emerson.

O cheiro exalado pelo professor nada tinha de interessante. O Príncipe ficou apenas a saber que o homem era saudável e algo arrogante, as suas virtudes ainda não completamente formadas.

Era evidente que tinha uma tendência protetora bem marcada. Tanto a força do seu sangue como a sua linguagem corporal indicavam que daria a vida pela jovem mulher atrás de si.

Só a ideia era uma provocação.

Tendo lido o caráter do professor nos aromas do seu corpo e do seu sangue, o Príncipe concentrou-se na caridosa senhora Emerson.

O odor que primeiro se lhe impôs foi de virtude: compaixão e generosidade. O Príncipe achou o perfume da sua bondade surpreendente e muito agradável. Como num reflexo, os seus olhos deslizaram para o desenho de Beatriz ali perto.

— Sim, considero-me um sortudo. Tenha uma boa noite. — Com um aceno de cabeça rígido, Gabriel afastou-se, sem largar a mão de Julia.

O Príncipe deixou-se ficar onde estava e fechou os olhos, voltando a inalar profundamente. Enquanto a senhora Emerson se afastava, algo desagradável e infeliz se insinuou às suas narinas.

O Príncipe abriu os olhos, ciente de que a senhora Emerson estava doente.

A sua bondade e a sua natureza caridosa quase mascaravam aquela cambiante desagradável do seu odor, mas ali estava, dissimulada como uma serpente.

O Príncipe e os da sua espécie eram peritos em detetar as várias deficiências e doenças dos seres humanos.

Talvez fosse uma característica inata, ou talvez um produto da adaptação. Mas qualquer que fosse a sua origem, esta capacidade permitia-lhes distinguir as fontes de alimento apetecíveis das pouco recomendáveis.

Assim, o Príncipe pôde determinar que o sangue da senhora Emerson tinha falta de ferro. Quanto a isso,



não havia dúvidas. Mas algo de muito grave se passava com ela; um odor que ele não notara a princípio e que agora a tornava repugnante para si.

As suas virtudes eram, todavia, bem reais. O Príncipe admirou-se ao ver que ela não era a esposa mimada de sociedade por que a tomara.

Seguiu os Emerson com o olhar até ao outro lado da sala, onde ficaram muito juntos, sussurrando furiosamente.

Depois de um último olhar confuso ao rosto bonito da senhora Emerson, o Príncipe deu meia-volta e afastou-se.